



REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS TERMINAÇÕES NASAIS NO LIVRO DE  
 JOSÉ DE ARIMATÉIA (COD. AN/TT 643)  
 (GRAPHIC REPRESENTATION OF NASAL WORD ENDINGS IN THE *BOOK OF*  
*JOSÉ DE ARIMATÉIA*)

Sílvio de Almeida TOLEDO Neto (Universidade de São Paulo)

**ABSTRACT:** *It is clear the impression of the existence of linguistic layers of different periods in the Livro de José de Arimatéia. We examine the graphic representation of some nasal word endings and conclude that common graphic tendencies seem to indicate a same set of principles of modernization.*

**KEYWORDS:** *Mediaeval Manuscript; Historical Linguistics; Graphical variation.*

## 0. Introdução

Para quem lê o *Livro de José de Arimatéia* fica nítida a impressão de que se está diante de uma obra composta de um tecido lingüístico que mistura um texto da época com um texto mais antigo. Essa impressão se confirma a partir de um levantamento mais minucioso, que indica a coexistência de variações de diversa ordem: fonético-fonológica, morfológica, sintática e lexical. Pretendemos examinar nesta comunicação especificamente a variação gráfica na representação das terminações nasais resultantes das terminações latinas -ONE, -UDINE, -ANU e -ANE.

Justifica-se essa escolha uma vez que a correspondência regular entre certas grafias e os étimos latinos, e a confusão de grafias - decorrente da convergência para o ditongo /ãu)/ - constituem dois fatos lingüísticos que distinguem diferentes períodos do português, segundo Mattos e Silva (1994) e Bechara (1985).

## 1. Breve histórico das terminações nasais resultantes das terminações latinas -ONE, -UDINE, -ANU e -ANE

Para melhor visualizar a evolução das terminações latinas -ONE, -UDINE, -ANU e -ANE até o ditongo /ãu)/ apresentamos a seguinte tabela (cf. Vasconcelos 1926:146):<sup>1</sup>

	1	2	3	4
época A (lat. vulg.):	-ONE	-UDINE	-ANU	-ANE
época B (pré e proto-hist.):	*-õe	-õe	-ão	*-ãe
época C (até o séc. XIV):	-õ	-õe, -õ	-ão	-ã

<sup>1</sup> Suprimimos duas colunas da tabela original, referentes às terminações -ONU e -ANA.



época D (séc. XIV-XV):	-õ, *-õo	-õe, -õ, *-õo	-ão	-ão
época E (do séc. XV-XVI em diante):	-ão	-ão	-ão	-ão

Como podemos constatar na tabela acima, a terminação -ONE transforma-se em -õ. Antes, deve ter havido síncope da consoante intervocálica, produzindo formas em \*-õe, hipótese que parece confirmar o topônimo *Fondõe*, atual *Fondón*, identificado por Maia (1997:602, n. 2) em documento galego do século XIII. Com relação a -UDINE, evolui para -õe, que concorre com -õ. A terminação -ANU resultou em -ão, devido à síncope do -N-, que nasaliza a vogal anterior (cf. Maia 1997:589; Huber 1986:139). Quanto a -ANE, após a síncope do -E final, o -N- torna-se traço de nasalidade da vogal precedente (Cf. Williams 1973:59). Admite-se uma forma \*-õe, resultante da síncope de -N-, que depois evolui para -ã.<sup>2</sup>

A uniformização completa das terminações etimológicas em ditongo /ãu)9/ já tinha ocorrido no início do século XVI. O percurso da mudança, no entanto, pode ser rastreado desde o século XIII, tomando casos de oscilação gráfica como indício de variação fonético-fonológica. Nos cancioneiros medievais, Williams (1973:181) identifica, por exemplo, a rima entre <foã> e <en vão>, indício de que a terminação de <foã> (< árabe FULAN) já não era mais /-ã/. Em palavras que em latim terminavam em -ANU átono, ocorre, em documentos notariais do norte de Portugal, oscilação gráfica entre <-ã> e <-ã> ou <-am> em fins do século XIII, talvez processos gráficos de representar o ditongo /ãu)9/ (cf. Maia 1997:593).

Na versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório*, há confusão gráfica nas formas verbais de 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do perfeito (lat. -UNT) e do mais que perfeito (lat. -ANT), representadas ora pela grafia <-om>, ora pela grafia <-am>. A variação gráfica das formas verbais ocorre em sílaba não-acentuada, o que sugere que a mudança pode ter começado por uma variação [õ] ~ [ã] nessa posição (cf. Mattos e Silva 1991:75). As terminações dos nomes, por outro lado, seguem regularmente a grafia etimológica. Documento notarial do início do século XIV examinado por Maia (1997:609) prova que já estava ocorrendo a analogia entre substantivos terminados em -õe < -UDINE e em -õ < -ONE.

A partir de meados do século XV, registram-se, em documentos notariais provenientes de Vairão, concelho de Vila do Conde, Douro Litoral, a existência de algumas formas de étimo -ONE e grafia <-ã> ou <-am>, muito provavelmente processos de representar o ditongo /ãu)9/, apesar de os documentos não provirem do foco de origem e de difusão da convergência para /ãu)9/, que deve ser o Centro do País, pois na região entre Douro e Minho ocorre a convergência para a terminação /-õ/ (cf. Maia 1997:603).

No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, que é amplamente citado como um *terminus ad quem* da convergência para o ditongo /ãu)9/, encontra-se a ocorrência

<sup>2</sup> Segundo Maia (1997:585), “Que, efectivamente, a evolução se deve ter processado neste sentido parece comprová-lo o aparecimento, nos textos galegos agora publicados, de alguns topónimos ... com a perda de -N- e conservação da vogal final.” Cita: *Candãe, Meylaen e Romaen*.



da grafia <-am> em formas provenientes dos étimos latinos –ANE e -ONE.<sup>3</sup> Dado que há rimas entre palavras cujas terminações são de étimo diferente, infere-se que a convergência das terminações nasais já ocorria com alta frequência. Há também grafias análogas em documentos notariais da mesma época, (cf. Vasconcelos 1926:143; Maia 1997:603), o que parece indicar que a convergência já se verificava tanto no dialeto padrão de Portugal, no século XVI, quanto em algumas variedades regionais.

## 2. Caracterização do *Livro de José de Arimatéia* (AN/TT COD. 643)

O *Livro de José de Arimatéia* está conservado atualmente em códice único, consignado na Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob a cota n.º 643 (Lisboa, AN/TT, Livraria n.º 643). É um manuscrito em papel, datado de fins da primeira metade do século XVI, mais precisamente entre 1543 e 1544. Constitui-se de 315 (i.e. 4+311) fólios e mede 250 mm. de altura por 190 mm. de largura. Cópia organizada por Manuel Álvares, corregedor da Ilha de São Miguel, e empreendida por dez copistas em ambiente português, com base em um exemplar,<sup>4</sup> que é descrito como um texto com cerca de duzentos anos, em pergaminho e iluminado, adquirido de uma mulher muito idosa em Riba d'Âncora, aldeia do Alto Minho, o qual terá sido feito em Astorga, em ambiente leonês, portanto, no ano de 1314, por ordem do mestre-escola Joam Sanches. O texto desse exemplar perdido descende da tradução peninsular, realizada no século XIII, de um manuscrito da *Estoire del Saint Graal* do ciclo da *Post-Vulgata - remaniement* do Ciclo da *Vulgata* de textos arturianos em prosa -, composto na França entre 1230 e 1240, por autor anônimo. No processo de cópia, Manuel Álvares modernizou aspectos da linguagem que achava antiquados no original, mas esse processo não foi completo, uma vez que se encontram numerosas formas que deviam ser arcaísmos em meados do século XVI. No entanto, parece existir tendência uniforme de apagamento ou manutenção de traços característicos do português antigo entre a maior parte dos copistas (cf. Castro 1993:409-411).

## 3. Representação gráfica das terminações nasais no *Livro de José de Arimatéia*

Ao examinarmos as terminações resultantes do latim -ONE, -UDINE, -ANU e -ANE, em formas nominais, no *Livro de José de Arimatéia*, pretendemos avaliar não só a correspondência entre o étimo da terminação e a regularidade de uso de grafia etimológica mas também a equivalência de uso de diferentes grafias para um mesmo étimo.<sup>5</sup> Para que não se misturem dados gráficos individuais dos dez copistas que

<sup>3</sup> Sampson (1983:38) dá exemplos de rimas do *Cancioneiro Geral*, entre as quais: *mão* : *coraçam*; *rezam* : *yrmão*; *maão*: *vam*; *vã*: *saão*.

<sup>4</sup> Testemunho cujo texto serve de modelo para uma transcrição. Cf. Xavier & Mateus (1990:157).

<sup>5</sup> O levantamento de ocorrências a que procedemos restringiu-se ao singular de itens lexicais já existentes no latim, não sendo considerados os que se formaram já no português ou os resultantes de empréstimos de outras línguas.



intervieram na cópia, consideramos separadamente cada um deles.<sup>6</sup> No presente trabalho, apresentamos dados parciais, referentes aos primeiros cinco copistas.<sup>7</sup>

Na parte do copista n.º 1 (f.ºs 2-16), há 41 ocorrências de palavras que em latim terminavam em -ONE. As terminações empregadas são: <-ão> (58,5%), <-am> (24,3%) e <-aão> (17,0%). Por exemplo: <Rezão>, <condiçam> e <prisaão>. Nas 22 ocorrências das palavras que em latim terminavam em -ANU, ocorrem as terminações <-aão> (54,5%), <-ão> (40,9%), e <-aom> (4,5%). Por exemplo: <chaão>, <mão> e <saom>. Das palavras que terminavam em -ANE em latim, há 5 ocorrências, com as grafias <-ão> (60,0%) e <-aão> (40,0%).

O copista n.º 2 (f.ºs 17-55) representa as 60 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ONE pelas grafias <-ão> (91,6%), <-am> (5,0%), <-ao> (1,6%) e <-om> (1,6%). Por exemplo: <ResoReição>, <coraçam>, <comfisaio> e <legiom>. Há uma ocorrência de palavra cuja terminação originou-se do latim -UDINE, a qual é representada pela grafia <-ão>: <servidão>. As 36 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ANU são representadas pelas grafias <-ão> (86,1%) e <-ao> (13,8%). Por exemplo: <crístão> e <mao>. As 5 ocorrências que no latim terminavam em -ANE, são representadas por <-aão> (60,0%) e <-ão> (40,0%). Por exemplo: <pão> e <cão>.

O copista n.º 3 (f.ºs 56-88) representa as 40 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ONE por <-ão> (97,5%) e <-ã> (2,5%). São exemplos: <prysão> e <coraçã>. As 50 ocorrências das palavras que no latim terminavam em -ANU são representadas pelas grafias <-ão> (86,0%) e <-aão> (14,0%). Por exemplo: <hyrmão> e <chaão>. Das palavras que no latim terminavam em -ANE, há 2 ocorrências, representadas pela grafia <-ão>. Exemplo: <pão>.

O copista n.º 3<sup>1</sup> (f.ºs 89-128) representa as 88 ocorrências de palavras que terminavam em -ONE no latim pelas seguintes grafias: <-am> (82,9%), <-ão> (14,7%) e <-ã> (2,2%). Por exemplo: <ladram>, <jmfamção> e <prysã>. A única ocorrência de palavra que no latim terminava em -UDINE é representada pela grafia <-am>: <lemtidam>. As 43 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ANU são representadas pelas grafias <-ão> (81,3%), <-am> (13,9%) e <-aão> (4,6%). Por exemplo: <Irmão>, <cham> e <maão>. Nas 4 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ANE, são empregadas as grafias <-ão> (50,0%), <-am> (25,0%) e <-aão> (25,0%). Por exemplo: <pão>, <pam> e <paão>.

O copista n.º 4 (f.ºs 129-137) representa as 16 ocorrências de palavras que no latim terminavam em -ONE por <-ão> (62,5%) e <-am> (37,5%). Por exemplo: <treição>, <ligiam>. daquelas palavras cuja terminação no latim era -UDINE, há 2 ocorrências com grafia <-am>, por exemplo: <escoridam>. As 18 ocorrências de palavras terminadas em -ANU no latim são representadas pelas grafias <-ão> (72,2%),

<sup>6</sup> No presente trabalho, não separamos as variantes segundo a posição do til, como, por exemplo, <-ão> ~ <-aõ> ~ <-a o>. Representamos tais variantes por <-ão>. O mesmo critério vale para todas as variantes em que aparece o til.

<sup>7</sup> Por ainda estarmos procedendo ao levantamento de ocorrências, não foram examinados os f.ºs 260-271, 304-[312], redigidos pelo copista n.º 2, nem os f.ºs 282-303, redigidos pelo copista n.º 3.



<-ao> (16,6%) e <-am> (11,1%). Das palavras cuja terminação no latim era –ANE, há 1 ocorrência com a grafia <-ão>: <pão>.

Como podemos constatar, há variação gráfica na representação de um mesmo étimo. Para as palavras cuja terminação deriva de –ONE, predominam as grafias <-ão> e <-am>. Somente em uma ocorrência, o copista n.º 2 utiliza a grafia etimológica <-om>. As terminações cujo étimo latino é –UDINE são representadas predominantemente por <-am>, não havendo exemplo de grafia etimológica. Quanto às palavras cuja terminação deriva de –ANU, são representadas com maior frequência por <-ão> e <-aão>. Identifica-se, nesse caso, a maior frequência da grafia etimológica em relação ao étimo da terminação. Na representação gráfica das palavras que no latim terminavam em –ANE, é mais frequente a grafia <-ão>. Só um exemplo de grafia etimológica <-am>, do copista n.º 3<sup>1</sup> pode ser identificado.

#### 4. Conclusão

A alta frequência principalmente da grafia <-ão> parece indicar que, na amostra, predomina a tendência de representar a uniformização das terminações nasais em ditongo /ãu)9/. Afora o caso das palavras que no latim terminavam em –ANU, cuja grafia etimológica se confunde com a do ditongo /ãu)9/, são muito raros os exemplos de grafia etimológica, pois parece que a maior parte das grafias usadas com menor frequência identifica-se como processos gráficos para representar o ditongo /ãu)9/. A tendência significativa e, por vezes, acentuada de uso de grafias na maior parte das vezes não-etimológicas é comum aos cinco copistas examinados. Se esse comportamento comum, por um lado, indicaria que não houve fidelidade de cópia quanto às terminações nasais examinadas, parece também indicar que os copistas devem ter seguido um mesmo conjunto de normas gráficas para o apagamento ou manutenção de traços do manuscrito mais antigo que tinham ante os olhos. Ora, uma das consequências da comprovação mais geral dessa hipótese seria a possibilidade de avaliar de que forma se concretizou na cópia quinhentista do *Livro de José de Arimatéia* o critério geral estabelecido pelo revisor, que declara na dedicatória:

Delle [i.e. do exemplar] nõ mudei senã hos vocabulos inε)teligiueis.que hos que se podem ε)tender na antiguidade Daquelle tempo os leixei hir.

**RESUMO:** *É nítida a impressão da existência de camadas lingüísticas de diferentes épocas no Livro de José de Arimatéia. Examinamos um dos fatos lingüísticos que separa essas camadas, a representação gráfica de algumas terminações nasais. Concluimos que tendências gráficas comuns parecem indicar um mesmo conjunto de normas de modernização.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Manuscrito Medieval; Lingüística Histórica; Variação gráfica.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- BECHARA, Evanildo. *As fases históricas da língua portuguesa*; tentativa de proposta de nova periodização. Niterói: UFF, 1985.
- CASTRO, Ivo. Livro de José de Arimatéia. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (org. e coord.), *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, p. 409-411.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.
- \_\_\_\_\_. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, n. Especial, p. 247-276, 1994.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.
- SAMPSON, Rodney. The origin of portuguese -ão. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 99, p. 33-68, 1983.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 2.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/INL, 1973.
- XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990.